

Deusas de ocasião

Valéria de Marco
(Universidade de São Paulo)

"Quando a inteligência fala, o diabo ajuda-a!"

Dostoiévski

"Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte," germinou a semente de LUGÍOLA. Com seu romance (1848) e sua peça (1852), Alexandre Dumas Filho espalhava por Paris Margarida Gautier, a cortesã mais popular dos tempos modernos. O eco da capital do mundo propagou-se rapidamente por todos os cantos, atravessou os "verdes mares bravios" e levou a camélia a atingir alta cotação no baile público do Rio de Janeiro em 1851.

Lá e cá, os passos e os laços de Margarida atavam, na sua estória e na memória dos leitores, muitos pecados: roubos, amantes e incestos arquitetados pela frieza calculista de MOLL FLANDERS; os mistérios atraentes e a paixão pelo prazer da inescrupulosa MANON LES

CAUT; o amor crucificante e as lágrimas desesperadas de MARRION DELORME e, neste momento, o desejo de amor conjugal despertado em Margarida pela dedicação de Armando. Nas luzes do palco ou na intimidade da leitura, elas sussurravam a dor da privação. A aura celestial do amor é fruto proibido para a pecadora arrependida:

A morte de Margarida enterra não só seus sonhos, mas também todos esses lamentos e, sobretudo, um universo demoníaco: banquetes e bailes noturnos, sombras despertadas pelo champanhe, a embriaguez do perfume e do jogo, o brilho feérico dos brilhantes. Mas, a mórbida destruição de Margarida e suas companheiras constrói as imagens fragmentadas do real inferno em que elas transita-

vam: a fumaça dos trens que traziam gente do campo para produzir as manufaturas na cidade, o vapor das máquinas da revolução industrial, a veloz e desordenada urbanização, o compasso ritmado das oficinas de costura, a lama das ruas da citê onde viviam as classes trabalhadoras cujo cheiro e cujas roupas garantiam-lhes a aparência e o tratamento das classes perigosas. A prostituição é a sombra que acompanha a mulher trabalhadora. Sinais dos tempos. Tempos modernos. Tempo em que a burguesia agarra o poder à unha, reprime as revoltas operárias à bala e instala seu trono sobre o rugeruge da bolsa de valores e sobre o silêncio da privacidade angelical do lar, onde a mulher se enclausura para trabalhar na educação dos herdeiros.

competentes, já que agora vale a lei da livre concorrência para escapar da miséria.

Na terra do sabiã, a modernidade fazia outras diabruras. Diabruras na medida exata para a nossa situação de periféricos e dependentes. No século XIX, as máquinas impressoras ganham legalidade; o país, sua ingênua independência; reprimem-se as diversas revoltas espalhadas pelo território; guerreia-se pelas fronteiras nacionais; multiplicam-se os cursos superiores e os jornais; praticam-se eleições; inventa-se a lista sêxtupla para escolha de...senador; a polícia reprime estudantes (Olha lá Alencar na pasta da Justiça); implanta-se o correio; publicam-se muitos romances nativos ou estrangeiros; acendem-se os teatros e os salões; começa-se a plantar o precioso café que alimenta os primeiros lampiões a gás e o mercado de ações; constrói-se a primeira estrada de ferro e, finalmente, a grande transformação que consiste no caminho para a "lenta e gradual" abolição da escravatura. Modernidade brasileira escrita como sempre, "sem derramamento de sangue". Nesse tempo cres-

cia o grande centro - nossa capital do Império - que podia tudo expor na rua do Ouvidor: sedes de jornais, livrarias, floriculturas, perfumarias, joalherias, lojas de moda com tudo o que chegava de Paris. Crescia, também com a cidade, a prostituição dos mucambos e a prostituição dos sobrados, a ponto de merecer atenção dos primeiros especialistas em higiene pública. Enfim, eram muitos demônios à solta para nosso Alencar, militante do partido conservador, militante profissional da pena, coubesse ela onde coubesse: no teatro, no jornal, no romance, nas revistas literárias... Espaços modernos em que a palavra podia conquistar à força da tribuna.

Alencar começa a discutir a questão da cortesã em 1858, com a peça AS ASAS DE UM ANJO. À sua pecadora arrependida cabia sepultar o corpo em um casamento branco. Sem dúvida, uma expiação torturante como os garfos de Satã. Mas, o escritor cometera um grande pecado: integrara a prostituta à família, reclusa no espaço santificado do lar ao invés de crucificá-la em praça pública ou confiná-la no cemitério. A

polícia entrou em cena e tirou a peça de cartaz. O nome do autor rodopiou ao som do escândalo dos jornais.

Para expiar seu pecado, refazer sua reputação de homem sisudo e para não curvar-se à censura, Alencar publica LUCÍOLA em 1862. O romance, como A DAMA DAS CANÉLIAS, é também a reconstituição da relação amorosa e perigosa entre a cortesã e um jovem bacharel - Lúcia e Paulo. Este mergulha na memória e usa a reflexão para dar rumo à grande carta que escreve a uma senhora de cabelos grisalhos, sua leitora respeitável.

Pela primeira vez, junto às estrelas, no outeiro da igreja da Glória, Paulo vê Lúcia - uma "linda moça". Para desfazer essa ilusão precisa descer à cidade, ao teatro, à casa do amigo Sã, à rua do Ouvidor e, mais baixo ainda, ao tanque lamacento de São Domingos. Lá, Lúcia reconhece, na água límpida da superfície, sua alma e, na lama adormecida no fundo, seu corpo. É a explicação da personagem; é a expressão eloqüente da concepção romântica do amor e da estrutura do romance, que tem dois movi-

mentos distintos: um, perturbado e tenso, em que o diálogo entre Paulo e os homens experientes da corte desnuda a cortesã; outro, linear, monótono e silencioso, em que ela sepulta o corpo em vestidos discretos e reabilita seu nome de batismo - Maria da Glória... Maria...

Assim, o romance recompõe o processo de conhecimento de Paulo, o provinciano que descobre os esplendores e as misé-rias da cidade. No mesmo compasso, o leitor acompanha o processo de humanização de Lúcia, que busca nas páginas de A DAMA DAS CAMÉLIAS e de PAULO E VIRGÍNIA seus limites e seus desejos. E, nessa trajetória, podemos acompanhar também a reflexão de Alencar sobre as relações entre a literatura nacional e os modelos importados. No momento não é este nosso tema, mas é importante reafirmar que LUCÍOLA é um romance mais complexo e mais elaborado que

o de Dumas Filho; que, através da estrutura do espelhamento, Alencar coloca no centro de seu romance a discussão do caráter nacional da literatura, delinea as feições da cortesã do Império e denuncia a rigidez da nossa ordem social.

Alencar trabalha exacerbando as contradições que a temática da mulher perdida trazia entre fantasia e realidade, deveres e desejos, castidade e prostituição, amor e prazer. Quase didaticamente, esgota as perturbações da vida libertina, para depois construir o cotidiano austero de Maria da Glória. O clímax do desvendamento da cortesã se dá na noite, em um cenário escarlate, regado a perdizes e vinhos, onde Lúcia desnuda-se e imita as bacantes. É Lúci-fer.

Satânica é também a expiação que Alencar aplica à personagem: rasga-lhe o vestido escarlate; faz com que ela se desfaça do luxo e dos objetos

da cortesã e saia da cidade; enclosura-a em uma modesta casinha dos arrabaldes; cobre-lhe a pele com um fechado vestido marinho; enfim, sepulta em vida seu corpo que desaparecerá de fato para servir de túmulo ao filho que ela trazia no ventre.

Com essa violência, Alencar expiava seu pecado de integrar Carolina à família, expulsava Lúcia desse mundo, denunciava e exorcizava os aspectos demoníacos do progresso. Seguindo a trajetória de sua personagem - Lúcia... Lúci-fer... lucidez - vagalumeando pelo Rio, demarcou o limite da tolerância brasileira e criou um romance endemoniado, um contraponto à aura ingênua da família carioca de Macedo. Este menino comportado tinha lá suas graças, mas nada tão magnético e atraente como as diabru-ras de Alencar, porque estas, sim. Estas seduziram Machado de Assis e muitos e muitos leitores.



